

Ives Gandra da Silva Martins*

Populismo não gera produtividade

O Brasil é um dos países com menor produtividade entre as economias emergentes mais importantes e as nações desenvolvidas, razão pela qual se discute como poderemos alavancar o crescimento do Estado. Em tecnologia e no campo da inteligência artificial, por exemplo, estamos muito aquém da evolução dos grandes mercados em ascensão e dos blocos industrializados, enquanto estudos indicam que, nas próximas duas décadas, cerca de 60% da força de trabalho humana atual poderá ser substituída pela automação e por sistemas inteligentes. Diante dessa rápida evolução tecnológica, o papel do ensino torna-se ainda mais vital para o desenvolvimento global.

O que me impressionou em recente palestra do embaixador Rubens Barbosa no Conselho de Assuntos Estratégicos da Fiesp — órgão presidido pelo ex-presidente da República Michel Temer e do qual sou conselheiro — foi a constatação de que, embora o Brasil seja uma potência na agricultura e no agronegócio, o País ainda está muito aquém do esperado no desenvolvimento industrial e no campo da inteligência artificial.

O apoio do governo à jornada 6x1 como modelo único é um equívoco: grande parte dos setores já adota a escala 5x2 — como na área de serviços e na advocacia. Há, contudo, setores específicos, como o de restaurantes, onde o maior volume de trabalho ocorre aos fins de semana, tornando a manutenção do esquema 6x1 justificável. É interessante notar a insistência nessa jornada como regra

geral, ignorando que os setores com viabilidade para a escala 5x2 já a conquistaram por negociações coletivas, e não por imposição nacional que desconsidera as necessidades de segmentos distintos na indústria, no comércio ou serviços.

O apoio do governo à jornada 6x1 como modelo único é um equívoco: grande parte dos setores já adota a escala 5x2 — como na área de serviços e na advocacia. Há, contudo, setores específicos, como o de restaurantes, onde o maior volume de trabalho ocorre aos sábados e domingos, tornando a manutenção do esquema 6x1 justificável. É interessante notar a insistência nessa jornada como regra geral, ignorando que os setores com viabilidade para a escala 5x2 já a conquistaram por negociações coletivas, e não por imposição nacional que desconsidera as necessidades de segmentos distintos na indústria, no comércio ou nos serviços.

O Congresso não deve ceder a essa proposta populista, cabendo a cada setor definir a jornada mais adequada. A imposição de um modelo único, além de demagógica, ignora princípios básicos da economia; a padronização rígida é inviável para o desenvolvimento do País. É preciso alertar que este modelo retardará o progresso nacional e, conforme previsões de economistas e federações — incluindo a Faesp —, a medida deve gerar um impacto de 6,2% na inflação. Esse aumento no “Custo Brasil” prejudica nossa competitividade, já fragilizada pela

baixa produtividade e pelo déficit na educação, áreas onde o governo deveria concentrar seus maiores investimentos.

A falta de projetos claros em educação impede nossa evolução tecnológica; afinal, diante de um mercado global ágil, o ensino é o único caminho para acompanhar o desenvolvimento moderno. Certas atitudes populistas, embora eficazes para vencer eleições, trazem mais prejuízos do que benefícios reais ao País, pois o sucesso nas urnas não se traduz, necessariamente, em prosperidade para a nação.

Há uma necessidade premente de um projeto de País que nunca tivemos com o presidente Lula, pois falta-nos o pragmatismo do modelo chinês, a determinação demonstrada pela Índia e a clareza de propósito que permitiu à Europa evoluir com um norte definido. Diante da ausência de uma agenda de projetos estratégicos, e em vez de priorizarmos o interesse da nação, estamos imersos em um embaute de cunho estritamente ideológico, onde a retórica política sobrepõe-se ao projeto para o País. Sabemos e conhecemos o valor daqueles que antecipam o futuro: para quem possui visão estratégica, a economia é um tabuleiro de xadrez, onde cada movimento é calculado; já para quem carece de discernimento, ela não passa de uma mesa de pôquer, onde o blefe tenta mascarar a falta de competência.

A substituição de um planejamento estratégico de longo prazo por propostas de caráter imediatista, eleitoreiro e visando à reeleição desvirtua a função do Executivo. Ao priorizar

o debate populista em detrimento das reformas essenciais, o governo converte a gestão pública em um instrumento de campanha, esvaziando a agenda de desenvolvimento do País e a criação de projetos que coloquem o Brasil no radar da competitividade mundial. Enquanto o mundo discute e avança tecnologicamente, ainda desperdiçamos na área da educação muito do nosso potencial, apesar da abundância de recursos hídricos, campos produtivos e sol o a no todo. O que não temos, no momento, é um projeto que transforme todas as nossas vantagens em riqueza real para o povo e para o País.

***Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito das universidades Mackenzie, Unip, Unifício, UniFMU, do Ciec/O Estado de São Paulo, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região, professor honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia), doutor honoris causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs PR e RS, catedrático da Universidade do Minho (Portugal), presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio -SP, ex-presidente da Academia Paulista de Letras (APL) e do Instituto dos Advogados de São Paulo (Iasp).**

Marco Antonio Spinelli

A era da estupidez

O filme alemão “A Onda”, de 2008, descreve uma situação que estamos assistindo, estarecidos, em nosso mundo real, que deriva do mundo virtual. No filme, baseado num caso real ocorrido na Califórnia na década de sessenta, uma escola de Ensino Médio propõe um experimento nas classes que devem experimentar regimes políticos Anárquicos e Autocráticos durante uma semana. O professor Rainer Wenger começa o filme injuriado porque vai precisar fazer a parte da Autocracia, ou seja, regimes totalitários, ditatoriais, um assunto dolorido na Alemanha, ainda assombrada pela época do Nazismo. O professor levanta uma questão bastante sensível em nosso tempo: existe espaço para um novo regime totalitário, na Alemanha ou no resto do mundo? Os alunos são categóricos em dizer que não, claro que não. Rainer vai demonstrar, do pior jeito, como isso não é verdade. Ele monta, com a classe, um experimento que torna o grupo um partido autocrático, onde o professor é o líder e os alunos criam o movimento, que eles chamam de “A Onda”. Todos passam a usar a mesma roupa, camisa branca e calça jeans e passam a obedecer seu líder, hostilizar “os inimigos”, que eram da classe da Anarquia. Em uma semana, eles passaram a recrutar outros malucos para o movimento, excluindo os fracos e os anarquistas. Um aluno desenhou um logo em formato de onda, pichando a cidade. Os alunos vão ficando mais violentos, opressores, sob a

ideia que são uma unidade, um grupo que se apoia mutuamente. É lógico que vai ter um aluno de miolo mole que vai comprar uma arma para proteger o grupo. O caminho para a desgraça estava desenhado. Na última aula, o professor manda agredir um aluno dissidente: os colegas se paralisam, pois fica evidente que era uma ordem terrível. O professor então explica que tinham caído na cilada do autoritarismo: tinham virado um grupo violento, preconceituoso e que obedece a um líder carismático. Eles tinham virado um partido nazista.

Nesse filme, temos o beabá da construção de um sistema violento e neofascista: o ódio por um inimigo comum, a uniformidade de roupas e a supressão de vozes discordantes e a violência direcionada a mulheres e pessoas mais fracas.

A adolescência é um período particularmente delicado para a tentação autoritária, e o filme mostra isso muito bem: o tédio e a falta de uma causa aglutinadora, o medo de não ser parte de um grupo, as feridas de famílias disfuncionais e de baixa autoestima. “A Onda” oferece a esses adolescentes a oportunidade de uma causa, um inimigo externo e o acolhimento do grupo, onde todos são tratados como irmãos. Essa foi a base da construção de um grupo autoritário, onde os dissidentes são tratados como inimigos e agredidos verbal e fisicamente.

Quando eu vi a foto de um dos meninos acusados de estupro coletivo no Rio de Ja-

neiro, que chega ao depoimento com o rosto fechado e uma camisa com o logo e um desenho com o slogan em inglês “Regret Nothing”, “Não se Arrependa de Nada”, ligada ao influenciador “Red Pill” Andrew Tate, um influenciador e propagador de discurso autoritário e de ódio às mulheres, que fez fama e fortuna virando o líder virtual de uma horda de jovens de miolo mole, como demonstrado no filme “A Onda”, e que propõe, como diz o slogan, de exercer violência e selvageria sem nenhum arrependimento. Torne-se um psicopata e faça parte do grupo.

No Rio de Janeiro, onde se deu esse caso de um ataque sexual a uma menina de dezessete anos, organizado pelo ex-namorado, o número de delitos sexuais cometidos por adolescente aumentou 93% nos últimos quatro anos. Isso vem acompanhando essa escalada de grupos de ódio e Incells na internet profunda, que esses garotos conseguem acessar. Podemos juntar os pontos de adolescentes chutando cachorros na praia e esses meninos de Copacabana, que atacaram uma menina que não conheciam e saíram comemorando diante das câmeras do prédio, como se tivessem marcado um gol para seu grupo fascistoíde?

A aversão ao ódio deve virar matéria do Ensino Fundamental. Quando eu estava na escola, a professora de Ciências nos propôs fazer cartazes contra o Tabagismo. As taxas de tabagismo caíram por décadas e agora voltam a subir com os cigarros eletrônicos. Está na hora de fazermos cartazes contra os grupos de

ódio, ensinando como são suas técnicas de recrutamento: criação de um inimigo comum, supressão de dissidentes, empoderamento através da violência e isolamento das pessoas de suas famílias e vínculos sociais.

Cuidamos dos fracos e dos doentes desde os Neandertais. Isso nos tornou humanos. Isso garantiu a nossa espécie, que não teria sobrevivido na base do cada um por si. A tentação autoritária está prosperando e se espalhando pelo mundo e os resultados estão aí em nossas telas. Os jovens adoecem nessa transição, pois tem um Cérebro que ainda não atingiu a sua maturidade neurofisiológica e cognitiva. Ter autonomia é bom, mas é preciso pais e educadores mais atentos e dispostos a comprar a briga de dizer não ao ódio que entra em nossas casas em diferentes mídias.

A transição para a vida adulta tem, com muita frequência, a realização de atos de transgressão. Antigamente, explodir privadas na escola era essa transgressão. Grupos de Ódio estimulam a transgressão de valores que nos tornam humanos, como o respeito e o cuidado com os mais fracos.

Está na hora de regular o acesso desses caras aos grupos misóginos e que cultuam a violência.

***Marco Antonio Spinelli é médico, com mestrado em psiquiatria pela Universidade São Paulo, psicoterapeuta de orientação junguiano e autor do livro “Stress: o coelho de Alice tem sempre muita pressa”**